

# Agronegócios

Cenários Storebrand tornou-se referência no universo financeiro com postura proativa no debate ambiental

## Gestora vê lentidão de empresas do agro para conter desmate

Camilla Sousa Ramos  
 De São Paulo

As empresas do agronegócio estão reagindo de maneira lenta ao avanço do desmatamento, e os riscos estão se concretizando mais rapidamente do que elas esperam. O alerta é de Venmund Olsen, analista sênior de sustentabilidade da gestora de ativos norueguesa Storebrand, que tem cerca de US\$ 110 bilhões sob sua gestão.

Na visão da Storebrand, o desmatamento não é apenas um risco de reputação, mas também operacional, o que nem todas as companhias ainda compreendem. “É uma compressão” via. As empresas grandes entendem [o risco operacional], mas muitas fazem muito pouco e muito tarde”, diz Olsen, que analisa o desempenho das empresas em questões ESG (ambientais, sociais e de governança).

A Storebrand tornou-se referência no setor financeiro por

sua postura proativa em debates ambientais, chegando inclusive a participar de reunião com o vice-presidente Hamilton Mourão sobre o desmatamento na Amazônia. A gestora possui inclusive uma lista de empresas que seus fundos são proibidos de investir por infrações a questões ESG.

Para o analista, os riscos “históricos” decorrentes do desmatamento, como redução de chuvas e alteração do clima, devem aparecer mais rapidamente do que as empresas esperam. “Algumas empresas têm o ano de 2030 como meta para serem livres de desmatamento, o que é muito lento e mostra a falta de precaução com o risco de desmatamento”, critica.

A data de corte para o desmatamento legal “aceitável” nas cadeias de fornecimento ainda não é consenso nos setores de commodities, mas a União Europeia decidiu estabelecer, para sua importação, o ano de 2020 como o máximo aceitável para que o desmate legal tenha ocorrido na área de produção. Para a Storebrand, que tem a meta de ter um portfólio livre de qualquer tipo de desmatamento, 2020 é a data de corte com o qual todas as empresas deveriam se comprometer. “Se [a empresa] estabelece [a data] até 2025 ou 2030, arrisca incentivar os produtores a demorar mais até o prazo”, argumenta.

Para Olsen, as empresas de grãos ainda precisam melhorar a divulgação das análises dos impactos do desmatamento e sobre o qual dependem, seja da natureza. “A indústria soja, por exemplo, não faz uma análise da dependência da natureza, o que seria claramente uma questão de risco financeiro. O setor se beneficiaria de aumentar a cobertura florestal por causa dos serviços ecossistêmicos fornecidos”, sustenta ele.

A gestora norueguesa, que tem entre suas investidas algumas gigantes do comércio de commodities

agrícolas, como as americanas Bunge e Archer Daniels Midland (ADM), vem adotando uma postura firme nas assembleias de acionistas para pressionar as direções das companhias a apresentarem metas e planos mais ambiciosos pelo fim do desmatamento.

Em assembleia de acionistas da Bunge, a Storebrand apresentou uma proposta para que a companhia melhorasse a gestão de sua cadeia de fornecimento para combater o desmatamento. A proposta acabou recebendo o apoio da maioria dos acionistas e foi incorporada à gestão da multinacional.

Para lidar com o principal ponto cego nas cadeias de commodities,



Venmund Olsen, da Storebrand: além da reputação, desmatamento também é um risco às operações das companhias

que são os fornecedores indiretos, sobretudo no Brasil, a gestora defende uma regulação sobre os sistemas de monitoramento. Para o analista, ainda que seja positivo que empresas com as de carne brasileira estejam desenvolvendo métodos próprios para identificar os fornecedores indiretos, é difícil para a comunidade externa avaliar o que está acontecendo.

Atualmente, a Storebrand verifica o risco de exposição ao desmatamento das empresas em que investe por meio de análises próprias e indicadores externos, como o FAIRR Index, o ranking Forest 500, da Global Canopy, e a ferramenta de monitoramento Trace.

A divulgação correta sobre a exposição ao desmatamento é também crucial para que as corporações e seus investidores rastreiem as emissões de gases de efeito estufa no escopo 3 — que inclui as cadeias de fornecimento — e, assim, cumpram com requisitos externos. Porém, a gestora norueguesa, que passou a divulgar a pegada de emissões no escopo 3 dos ativos que gere, vem encontrando dificuldades nessa frente. “Os dados que pegamos hoje das empresas são pobres no escopo 3, o que torna difícil para acordar com as regulações do setor financeiro na Europa”, disse o analista.

# Papéis do setor mostraram resiliência na B3 em 2021

Mercado  
 De São Paulo

As empresas do agronegócio com mais estrada na bolsa escaram com tendência geral das ações na bolsa brasileira em 2021 e acumularam valorização no ano, amparadas pela forte valorização das commodities agrícolas. Já as novidades do setor na B3 mostraram-se mais suscetíveis a ajustes e à volatilidade.

Das 14 empresas do agronegócio com capital aberto na bolsa, 11 fecharam 2021 com ações em alta, de acordo com levantamento do Valor Data. O destaque foi o segmento de carnes. A alta dos

preços da carne bovina em escala global e das demais proteínas animais foram o principal motor da valorização dessas empresas, embora o aumento da pressão dos custos e o embargo da China ao Brasil por três meses e meio tenham gerado ruídos e limitado a valorização no segundo semestre.

A JBS e a Marfrig foram favorecidas pela maior exposição ao mercado americano, fator que permitiu a elas contornar os efeitos do embargo chinês ao Brasil.

Os papéis da JBS subiram 76% no ano, com elevações mais pronunciadas no terceiro trimestre. As ações da Marfrig vieram logo atrás, com valorização de 73%.

A Minerva, por sua vez, foi um

pequeno penalizado por sua maior exposição ao Brasil e, consequentemente, ao longo período em que a China deixou de comprar carne do país depois de dois episódios de ataques de “vacca louca”. No ano, as ações da companhia subiram de 15%, mas a boa parte do ano os valores ficaram abaixo dos registrados em 2020.

Já as ações da BRF encerraram 2021 com pouca variação em relação ao ano anterior. Suas ações subiram apenas 2% e amargaram queda na reta final, após divulgação de prejuízo no terceiro trimestre. O resultado refletiu a alta dos grãos e a queda dos preços dos suínos exportados à China.

As ações dos grãos turbinou as

ações da SLC e, em menor medida, da Brasilagro. Com alta de 68% em 2021, a SLC viveu ainda um ano de forte expansão com a compra da rural Terra Santa e o arrendamento da Agrícola Xingu, o que ampliou sua área de cultivo em 40%. Já os papéis da Brasilagro subiram 27% no ano, embalados pelo follow-on realizado no início do ano e pelos ganhos com as terras em que cultivava cana no Nordeste, que escaparam da seca do Centro-Sul.

Do setor de cana, a veterana São Martinho foi o destaque, com alta de 34% no ano. Apesar de ter sido afetada por seca e geadas, com o apoio do setor, a companhia aproveitou a onda de alta dos combustíveis e a elevação do açúcar e do dólar

para exportar o adoçante a valores remuneradores, garantindo boas margens no início da safra.

A novata Jales Machado, que fez seu IPO em fevereiro, também aproveitou os preços favoráveis e ainda escapou dos problemas climáticos. No ano, seus papéis acumularam valorização de 29%.

Já a Raizen, que é líder do setor sacroalcooleiro e também atua em combustíveis e energia, não teve a mesma sorte. Sua abertura de capital ocorreu perto do fim da janela de IPO e pegou um momento de refluxo do mercado, em meio à migração dos investidores da renda variável para a renda fixa conforme os juros começaram a subir e a economia,

fraquejar. Desde o IPO até o fim de 2021, seus papéis caíram 13%.

Outras novidades que também recuaram em seu ano de estreia na B3 foram a Agrológica e a Brenatos, que atuam na distribuição de insumos: seus papéis caíram 22% e 21% no ano, respectivamente. Logo após os IPOs, as ações das duas companhias passaram por fortes ajustes e só começaram a reagir no fim do ano.

Já a Boa Safra Sementes e a Wita, que também estrearam na B3 em 2021, dispararam assim que chegaram à bolsa e encerraram o ano com ganhos de 60% e 69%, respectivamente. Por fim, a veterana de bolsa Kepler Weber acumulou alta de 32% no ano. (CSB)

### Agro na B3

Oscilações das ações de empresas ligadas ao setor na B3 - cotação mês a mês, em R\$/ação



Fonte: Data e Valor Pro (Dados: Valor Data)